

# RESENHA

## “POEMAS” - (T.S. Eliot)<sup>1</sup>

CAVALCANTE, Cristovam Bruno Gomes<sup>2</sup>  
VICENTE, Adalberto Luis<sup>3</sup>

ELIOT, Thomas Sterns. *Poemas*. Organização, tradução e posfácio: Caetano W. Galindo. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, 432 p., ISBN-13: 978-8535931785.

T. S. Eliot certamente foi um dos grandes expoentes da literatura de língua inglesa do século XX e um dos nomes mais impactantes para o movimento modernista na poesia. O conjunto que compõe a obra poética do mais britânico dos literatos norte-americanos - o qual, além de poeta, foi dramaturgo e crítico literário, - é leitura basilar para a compreensão das tendências que adquiriu a poesia no início desse século marcado por guerras, por desenvolvimento tecnológico, por embates ideológicos e por acentuação do caráter fragmentário das subjetividades. Embora algumas de suas obras tenham recebido atenção pelo mercado editorial brasileiro no século XX, - considerando-se o trabalho tradutório, por exemplo, de Ivo Barroso, de Paulo Mendes Campos, de Idelma Ribeiro de Faria e o empreendimento de Ivan Junqueira, que, de 1967 a 2004, traduziu a poesia de T. S. Eliot, - a necessidade de uma nova empreitada tradutória mais contemporânea e mais arrojada era evidente, sobretudo levando-se em consideração a escassez com que se

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

<sup>2</sup> Doutorando do Programa de Estudos Literários - Universidade Estadual Paulista, UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, São Paulo, Brasil – [cbgc13@hotmail.com](mailto:cbgc13@hotmail.com).

<sup>3</sup> Professor assistente na Universidade Estadual Paulista, UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, Departamento de Letras Modernas, Araraquara, São Paulo, Brasil – [adalberto.vicente@uol.com.br](mailto:adalberto.vicente@uol.com.br)

encontravam em solo brasileiro as obras traduzidas do poeta ganhador do Nobel de Literatura de 1948.

Se, em 2004, a editora Arx havia publicado a laboriosa e sisuda tradução da “Poesia Completa” de T. S. Eliot, realizada pelo consagrado poeta e crítico literário Ivan Junqueira, a Companhia das Letras resolveu apostar na celeridade e na atual popularidade tradutória do professor de Linguística Histórica da Universidade Federal do Paraná Caetano W. Galindo, que, inclusive, já traduzira James Joyce, David Foster Wallace e Thomas Pynchon. A Galindo, então, foi confiada a missão de recuperar a força poética do autor dos “*Four Quartets*”.

O tempo de espera por essa nova tradução cessou em dezembro 2018, quando a editora finalmente lançou a antologia “Poemas”, de T. S. Eliot, aliás, cujo projeto editorial recorreu, considerando as tendências mercadológicas atuais, ao fetichismo do objeto livro, de modo que a obra de Eliot ganhou capa dura envolta em tecido vermelho; tendência essa de valorização estética do objeto de leitura adotada por várias editoras brasileiras atualmente, principalmente após a lição de aceitação entre leitores que obtinha a hoje extinta Cosac Naify. Assim, o leitor contemporâneo, além de ter aos olhos uma nova tradução, tem em mãos um objeto de design *moderno*, o que apararia, fosse o caso, as arestas de insatisfação de um espírito decepcionado com o projeto tradutório.

Se as escolhas tradutórias de Galindo, devido à utilização de um menor grau de formalidade e ao emprego de versos concisos e sonoros, podem causar certa desconfiança aos leitores mais afeitos, por exemplo, ao formal e prolixo Eliot de Junqueira, o tradutor da Companhia das Letras, diante de todas as facilidades contemporâneas que envolvem o ofício, como rápido acesso a outras traduções e a uma vasta bibliografia, mostra-se extremamente atento a certos pontos fundamentais da obra do poeta modernista.

O primeiro ponto de louvor nas escolhas de Galindo refere-se ao uso da “linguagem comum”. Enunciava T. S. Eliot (1991, p. 42) que “[...] há uma lei da natureza mais poderosa do que quaisquer tendências variadas [...]: a lei é de que a poesia não deve se afastar demasiado da língua comum de cada dia que usamos e ouvimos”. Tratava-se da defesa de que a poesia de forma alguma deveria perder o contato com a linguagem dinâmica ordinária. Com isso, Eliot defendia sua própria poesia - muito embora houvesse em algumas de suas obras variações de estilo e de níveis de formalidade, dado que muitos de seus poemas eram compostos por fragmentos de discurso dramaticamente proferidos por *personae* “históricas” variadas.

As traduções de Junqueira, embora pioneiras e venturosas, aproximam-se de certo modo de duas tendências deformadoras a que Antoine Berman (2007) chamou de “enobrecimento” e de “alongamento”. Nas passagens mais coloquiais de poemas, por exemplo, como “*The Love Song of J. Alfred Prufrock*”, Junqueira empregou uma linguagem que muito se afastava, ainda que seja ressalvada a distância temporal de sua tradução, de qualquer uso coloquial de que se faz do português no Brasil, justamente pela sofisticação lexical e pela extensão enunciativa dos versos. Além disso, ao manter versos extensos, - dada a incompatibilidade silábica das duas línguas, - Junqueira concedia ao leitor o conteúdo do verso de forma mais manifesta, incluindo, algumas vezes termos inexistentes no original.

O que ocorre, pelo contrário, com o Eliot de Galindo é uma maior aproximação da discursividade prosaica, o que remete a certa linhagem poética jocosa, irônica e coloquial a qual pertence o autor norte-americano em razão das influências de Laforgue e de Corbière. Se a linguagem comum fornece matéria linguística para ser trabalhada nos poemas, *lei* essa que era empregada por Eliot em seus poemas, Galindo utiliza um verso mais conciso e de tom discursivo mais “real” para proporcionar essa experiência ao leitor. Junqueira, tradutor de Baudelaire, percebeu melhor, no entanto, as tensões semânticas em termos de imagens, ao passo que Galindo, preocupado com efeitos sonoros ou rítmicos, por vezes as ignorou, criando não raras vezes versos pueris.

Para a tarefa de traduzir um autor modernista que acreditava que verso livre não era libertação da forma e que “... [...] nenhum verso é livre para alguém que deseja executar bem o seu ofício” (ELIOT, 1991, p. 53), - afinal teve Eliot em Théophile Gautier parte da lição acerca de precisão verbal, - Galindo, em alguns trechos de poemas, como em “*Prufrock*”, adota variações rítmicas dentro de metros semifixos, para que, mesmo livre, o verso esteja sob controle de um sistema métrico, que seria o metro referente para sucessivos experimentos de variação de cadências.

O segundo ponto de qualidade da tradução de Galindo refere-se ao aproveitamento, em vários níveis, do conceito de musicalidade empregado por T. S. Eliot, que muito se difere da concepção musical de certa linhagem romântico-simbolista, em que se encontrava o sonoro e popular Paul Verlaine.

A musicalidade na poesia do autor norte-americano não era construída simplesmente verso a verso, via aliterações e rimas; antes, erigia-se mediante emprego de repetições de termos no poema, retorno de “motivos”, reelaborações discursivas, espelhamentos sintáticos, elaboração

de trechos melódicos e de sucessões prosaicas, isto é, música em um sentido sinfônico. Diante de palavras que são repetidas em uma estrofe, a tradução de Junqueira optava por sinônimos para evitar a repetição, ignorando o propósito desses “ecos” para o sentido musical do todo, vide a tradução da última estrofe de *“The Burrial of the Dead”*. Por seu turno, o tradutor da Companhia das Letras atenta-se a esses detalhes, de modo a recriar essas sequências musicais de maneira equivalente.

Entretanto, é importante salientar que Junqueira é recriador sensível em termos de correspondência semântica dos versos. A tensão de imagens não se perde para dar lugar aos jogos sonoros que Galindo incessantemente busca. A explicação para isso talvez seja porque para T.S. Eliot, como em um poema longo há sempre momentos de ápice melódicos, de transições e de trechos prosaicos, o bom poeta deve ser antes de tudo um bom prosador, afinal, no longo poema há passagens de pouca tensão que devem ser controladas. A tradução de Galindo é pouco vigorosa nesse quesito, uma vez que está ávida por “música”, por substratos fônicos, não por reconstrução de imagens semânticas. Prova dessa obsessão sonora é que essa nova tradução por vezes não respeita o sentido estrito de um verso, uma vez que não raro se inverte a posição de termos de versos distintos em benefício da construção de rimas.

Contra os excessos sonoros, Junqueira, ao escrever a introdução da obra de Eliot (2004, p. 25), já apontara:

[...] na poesia de Eliot, a palavra jamais é empregada como puro som ou retórico ornamento fônico, e sim em atendimento às exigências de um princípio que a define, acima de tudo como veículo transmissor de pensamentos e conceitos universais e como enunciado gramatical de um discurso cujas linhas de força residem na referência simbólica e no linearismo sintático.

No entanto, Galindo, poeta-linguista experiente nas traduções dos fluxos de consciência das plurilinguagens joyceanas, recria um ritmo mais leve e ágil das estrofes-fragmentos que sugerem, por exemplo, o *“stream of consciousness”* eliotiano de *“The Waste Land”*. Ademais, está sempre atento a como criar os jogos de aliteração (*“I do not think that they will sing to me”* – “Não conto que cantem por mim”), de modo que, ao optar por uma linguagem mais coloquial e concisa e ao manter certos termos em multiplicação, apresenta ao público brasileiro um Eliot em português ainda não visto.

A diferença, na verdade, está no grau de musicalidade empregada em ambas as traduções: na de Ivan Junqueira, parâmetro indispensável para se comparar a recriação de poemas de Eliot no Brasil, o leitor é envolvido pelo sentido; na de Galindo, desvio do monumental projeto tradutório de Junqueira, atentamo-nos em maior grau à musicalidade. Entre perdas e ganhos, essa edição bilíngue produzida pela Companhia das Letras surge em momento oportuno para se rediscutir esse autor que é um dos nomes fundamentais para a compreensão das transformações que sofreu a literatura no século XX. Nessa antologia abarcaram-se *Prufrock and Other observations* (1917), *Poems* (1920), *The Waste Land* (1922), *The Hollow Men* (1925), *Ash Wednesday* (1930), *Ariel poems* (1927-54), *Four Quartets* (1943) e *Old Possum's Book of practical Cats* (1939), de forma que foram deixadas de lado obras inacabadas e poemas publicados postumamente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra: ou o albergue do longínquo*. Trad. Marie Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerine. RJ: Editora 7 Letras. 2007.
- ELIOT, Thomas Stearns. *De poesia e poetas*. Tradução Ivan Junqueira. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Poesia*. Obra Completa. Volume I. Tradução, introdução e notas de Ivan Junqueira. São Paulo: Arx: 2004.